



ARMANDO, EPISCOPUS ANGRENSIS

Diocese de Angra

*Homilias – Mensagens – Comunicados – Reflexões - Notas
Pastorais – Decretos – Nomeações – Provisões – Cartas Pastorais*

HOMILIA NA PEREGRINAÇÃO NACIONAL DA FAMÍLIA ESPIRITANA

Fátima | 7 de julho de 2024

Caros irmãos peregrinos da família espiritana e demais peregrinos vindos de todas as partes, Deus acaba de nos falar através das leituras lidas e cantadas por irmãos nossos e que todos declaramos conterem palavras de salvação. Precisam, agora, de homens e mulheres, jovens e crianças, de todos nós, que as saibamos acolher com o mesmo amor com que foram ditas.

Que nos ensinam? A primeira leitura convida a olhar para o exemplo de Ezequiel, um sacerdote que, na oração, ouve a voz do Espírito do Senhor que o envia como profeta para gritar ao seu povo que, sem Deus, não haverá paz e justiça para todos. Em cada circunstância e época, é o Espírito que derruba os esquemas meramente humanos e abre o homem à sua novidade; sempre ensinou e ensina à Igreja a necessidade vital de sair, a necessidade fisiológica de anunciar, de não ficar fechada em si mesma. Vale a pena ouvir de novo o profeta: “O Espírito entrou em mim e fez-me levantar”. Alguém me dizia: «Filho do homem, Eu te envio. Podem escutar-te ou não, mas saberão que há um profeta no meio deles».

Em Ezequiel, oração e missão caminham juntos. A oração dá-lhe o olhar de Deus sobre as realidades do mundo e torna-o portador de esperança. A comunidade, no meio da qual ele vivia, acreditava que em breve tudo voltaria a ser como antes e arrastava-se. Uma tentação igual à dos nossos tempos porque muitos cristãos olham com resignação para os ambientes doentes, as comunidades amorfas, as famílias e instituições em crise, a justiça, a paz, a igualdade e a liberdade para todos, como algo que de outros depende. Lamentam o mal, mas não se envolvem porque tudo vai voltar ao “mesmo de antes”, mais tarde ou mais cedo. O profeta Ezequiel sabia que o sistema estava agonizando de maneira irrecuperável e a sociedade tinha adoecido. Parte, por isso, em missão, com a confiança de profeta.

Também nós sabemos que, hoje como naquele tempo, a simples reforma de um sistema envelhecido ou corrompido não gera nenhuma sociedade nova, apenas reanima o velho sistema que, cedo ou tarde, acabará sempre nos mesmos vícios. Precisam-se profetas capazes de tocar e curar as feridas da sociedade. Profetas como os que, em todas as épocas, saíram do seu comodismo, por amor a Deus e aos irmãos.

Deixo um exemplo. Desde a vinda do Papa a Portugal para a JMJ - Lisboa 23, ouvimos falar repetidamente de alguns dos seus gritos, como “todos, todos, todos”, ou, “Igreja Mãe, de portas abertas e acolhedora” e olhamos apenas para dentro da Igreja, para as suas normas e regras como se, retirando-as, tudo se resolvesse; olhamos para dentro ao falar das famílias, a sua diversidade, instabilidade e dificuldades, como se, abolindo as regras da Igreja, todos os problemas acabassem. É preciso ver a Igreja no mundo, identificada com os problemas reais das pessoas e da sociedade, misturada com as injustiças e desigualdades que são fruto também da sua ação ou inação e tudo fazer para que haja igualdade de direitos e deveres para todos. Então perguntemo-nos: “há saúde igual, médico de família, etc. para todos?”; “há acesso a uma justiça igual para todos, todos, todos?”; “há acesso à educação igual para todos ou continuamos com escolas de ricos e

pobres e regiões do país discriminadas?"; "há habitação digna, trabalho justo e bem pago ou exploração?"; "há proteção suficiente à família, também nos horários laborais, na defesa do domingo como dia de descanso e da família?" "para quando o esforço sério pelo fecho das grandes superfícies ao domingo"? Essas e outras deveriam ser lutas proféticas de todos os cristãos para a defesa da vida concreta das pessoas. Precisamos de cristãos profetas em todos os lugares, que tomem posição, sejam intervertidos, sobretudo onde se jogam os direitos que são de todos, todos, todos!

Onde andam os profetas instituídos no Batismo e Confirmação, no Matrimónio e Ordem? Deus conta connosco como somos, gente normal e com defeitos. Disso nos falava o Evangelho: a humanidade de Jesus, a normalidade da sua obra e da sua família causam até escândalo nos ouvintes. No entanto, é aí que somos chamados a reconhecer o Deus cristão: na ordinariedade de uma humanidade que a fé sabe abrir a uma outra dimensão, a ponto de ver nessa existência profundamente humana a narrativa do amor do Pai pela humanidade. O Deus cristão salva a humanidade partilhando a sua normalidade e dando assim sentido à nossa normalidade. Mas como é difícil aceitar a humanidade de Deus e conseguir descortiná-la por detrás dos irmãos, desde logo, os mais pobres de meios e bens, os desprezados da sociedade, os sem pátria, sem família ou sem fé. Admiramo-nos porque os contemporâneos não reconheceram Cristo, mas também hoje, as nossas comunidades passam ao Seu lado e não O reconhecem na pessoa do irmão.

Alarguemos os horizontes da missão. Como diz o Papa Francisco: "Prefiro uma Igreja magoada, dorida e suja porque andou pelas ruas do que uma Igreja doente porque está confinada e agarrada à sua própria segurança. Não quero uma Igreja preocupada em ser o centro de tudo e que acaba presa num emaranhado de obsessões e formalidades". A Igreja não é uma elite, mas um povo a caminho, peregrino. Buscamos, muitas vezes a utopia de pessoas intocáveis, completamente formadas, santas, para a missão. Vivemos a utopia de grupos fechados para a própria santificação, quando ser santo sempre implicou ter o olhar de Jesus e sair para servir a todos como irmãos.

Diz o Evangelho que Jesus não pode trabalhar como gostaria na sinagoga, mas que continuou a caminhar, associou os Doze para que também eles possam ir anunciar o Reino (6,7) e "percorria as aldeias dos arredores, ensinando". Onde estão os nossos arredores? Perguntemo-lo hoje aos nossos Missionários do Espírito Santo e a toda a família espirítana que, com o coração aberto a toda a humanidade, são de todos, todos, todos, não ocupam espaços ou lugares mas vivem para alargar o reino. Demos graças a Deus pelo seu grande trabalho ao serviço das missões sobretudo em países de língua portuguesa e rezemos por todos eles – padres ou leigos, consagrados ou casados - para que nos digam com a vida que a missão nasce da oração e que o serviço começa com o repartir do que temos e somos. Partilhamos da vossa alegria por serdes, desde a fundação, uma Palavra Nova pronunciada pelo Espírito Santo para o bem dos pobres de bens e de Deus. Continuai fiéis ao vosso Fundador e seus continuadores.

Carlo Acutis dizia: "Estar sempre unido a Jesus, esse é o meu projeto de vida"! Que seja também o nosso.

+ Armando, Bispo de Angra